

JORNALISMO E NARRATIVA TRANSMÍDIA: UMA ANÁLISE DE DOIS CASOS*

Alisson Gutemberg – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Tiago José Lima – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Nossa proposta é analisar de que forma, após o advento da internet, a construção do texto jornalístico tem passado por mudanças. Mudanças que vão desde, por exemplo, o aspecto estilístico – com textos mais curtos, convergência midiática e navegação hipermídia – até a liberação do polo emissor, característica fundamental para o surgimento do jornalismo participativo, que é uma das principais tendências do jornalismo contemporâneo. É dentro desse contexto de participação que buscamos observar de que maneira o *Twitter* pode contribuir na atividade jornalística enquanto *Social Media*, tornando os assuntos mais evidentes, e até contribuindo na elaboração de novas pautas. Diante disso, discutimos como narrativas transmídias (JENKINS, 2008; 2011) também podem ser verificadas no jornalismo contemporâneo a partir de dois exemplos: a repercussão da morte de Osama Bin Laden (MASCARENHAS; FRANÇA; NICOLAU, 2012) e a cobertura de um incêndio ocorrido na cidade do Rio de Janeiro (MIELNICZUK, 2013).

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo online. Narrativa transmídia. Texto jornalístico.

INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, o jornalismo tem encontrado novas possibilidades, mas também desafios. O advento da internet tem modificado conteúdo, rotina produtiva, relação com a fonte e inúmeras questões relacionadas com a atividade jornalística. Mas nem tudo é tão simples. Nesse contexto, os meios tradicionais (TV, rádio, impresso) têm passado por um processo de remediação (BOLTER; GRUSIN, 2000), que, de modo sucinto, trata-se da ideia de que uma nova mídia sempre renova e proporciona novos usos às velhas mídias. O rádio, por exemplo, já havia enfrentado um procedimento semelhante após o advento da TV, quando teve que adotar novas estratégias comerciais para enfrentar a concorrência dos aparelhos televisos. Surgiram, nesse período, a programação segmentada e o aparelho transistor (ORTIOWANO, 2003).

No que tange ao contexto atual, o que observamos é que TV, rádio e impresso, têm buscado se adequar às novas exigências de uma sociedade interligada por redes. Consequentemente, isso tem alterado a forma de se fazer jornalismo. Hoje, através da internet, a produção jornalística leva em conta a possibilidade do relato quase que imediato, por isso, rádio, TV e impresso, têm utilizado os dispositivos móveis em sua rotina produtiva (BARBOSA; SEIXAS, 2013). Lembrando que, ao contrário dos dois primeiros, no impresso não há a possibilidade da instantaneidade, mas, mesmo assim, esses aparelhos são utilizados por dinamizarem a rotina produtiva (FERNANDES E AVELAR, 2015).

Uma das principais características desse cenário, como coloca André Lemos (2007), é justamente a liberação do polo emissor. Após o advento da *web 2.0*, adentramos em um novo contexto cultural, social e político, que é a *cibercultura*. Hoje, os *blogs*, as redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, assim como tantas outras plataformas, oferecem a possibilidade de qualquer pessoa emitir opinião, produzir conteúdo e compartilhá-lo na rede. Ainda segundo Lemos (2007), vivemos a era pós-massiva, em uma referência direta aos

* XIV EVIDOSOL e XI CILTEC-Online - junho/2017 - <http://evidosol.textolivre.org>

pressupostos *frankfurtianos* acerca da Indústria Cultural e da Cultura de Massa, onde tínhamos um polo emissor, que concentrava toda a emissão, e um receptor que apenas recebia e decodificava as mensagens.

É precisamente nesse novo cenário que um jornalismo participativo torna-se possível. Suzana Barbosa e Lia Seixas (2013), por exemplo, citam o “Eu-repórter”, do site Globo.com, como resultado dessas transformações. Mas essa participação não se limita ao envio de conteúdo em uma seção exclusiva dos sites de notícia, e é isso que pretendemos demonstrar aqui. Há casos em que esse jornalismo participativo rompe a dicotomia jornalista/público, pois, nesse tipo de experiência, leitores, ouvintes e telespectadores, ou seja, os receptores, pautam os meios tradicionais. Além disso, participam da construção do texto jornalístico, criando assim a possibilidade de uma narrativa transmidiática (JENKINS 2008; 2011). É justamente isso que discutiremos a seguir.

1. NARRATIVA TRANSMÍDIA

Henry Jenkins (2008; 2011) desenvolveu o conceito de narrativa transmídia para designar uma série de características presentes no universo ficcional contemporâneo. Nesse sentido, Vitor Lopes Resende (2013, p.1) afirma que “a indústria do entretenimento vem se tornando cada vez mais complexa em face do atual aparato de redes midiáticas capazes de estender experiências ficcionais de uma mesma obra”. Essa característica permite um maior engajamento do público na própria produção dos conteúdos consumidos, o que só é possível graças às plataformas de comunicação interligadas por rede, aspecto que permite a interação entre diferentes pessoas das mais longínquas localidades. E, dessa forma, esses mundos fictícios, desenvolvidos através dos meios de comunicação, têm possibilitado uma experiência imersiva (RESENDE, 2013).

O termo “narrativa transmídia” refere-se a uma nova maneira de se contar histórias, que explora as potencialidades comunicacionais de um mundo interligado por rede. E utiliza-se de plataformas diversas explorando as características de cada uma, por exemplo, cinema, games, livros, etc., como faz, por exemplo, a saga *Harry Potter*. Contudo, tal qual Vitor Lopes Resende (2013), também defendemos que nem toda história contada por múltiplas plataformas se enquadra nos postulados colocados por Henry Jenkins (2008; 2011), pois, para ser transmídia, toda narrativa precisa atender a algumas características específicas, conforme discutiremos a seguir.

De acordo com Jenkins (2011), a mera adaptação de uma narrativa para um ou mais suportes não a torna transmídia, haja vista que, uma característica fundamental para se enquadrar em seus pressupostos, é o fato de que essa transposição deve ser acompanhada por uma extensão da narrativa, por meio de novos elementos e fatos interdependentes. Para ser transmídia deve haver adição de conteúdo. Outro elemento fundamental apontado por Jenkins (2011) é o papel do público, usuário e/ou fã, pois a interação por si só não torna o enredo uma narrativa transmidiática – deve existir uma participação, pois o público precisa contribuir na construção do conteúdo. A partir disso, nos perguntamos: é possível encontrar exemplos de narrativa transmídia no jornalismo? É verdade que Jenkins (2008; 2011) desenvolveu o conceito pensando no universo da ficção, mas, nada impede que seja adaptado para o campo jornalístico. As novas potencialidades, presentes na construção do texto jornalístico, permitem diversas mudanças nas rotinas produtivas do jornalista contemporâneo, e, sendo assim, pretendemos demonstrar que a narrativa transmidiática é uma dessas possibilidades.

2. TWITTER E NARRATIVA TRANSMÍDIA NO JORNALISMO

Se a nossa hipótese é que é possível encontrar exemplos de narrativa

transmidiática também no jornalismo, podemos mencionar o *Twitter* como uma ferramenta muito importante para tal reconfiguração. A partir disso, pode surgir a pergunta: por que o *Twitter* e não o *Facebook*, por exemplo? A razão é que o *Twitter* é mais propenso a garantir a transmidiação por conta de algumas de suas características de funcionamento, a saber: o limite de caracteres, que favorece a instantaneidade entre o relato e o acontecimento; e a possibilidade de se conhecer instantaneamente os assuntos mais comentados no momento, por meio dos *trend topics*.

A partir disso, buscamos alguns exemplos para validar o nosso argumento e assim demonstrar de que maneira o *Twitter* atua no sentido da transmidiação no jornalismo. O primeiro exemplo que vamos demonstrar refere-se à cobertura da morte de Osama Bin Laden, tema que é discutido por Alan Mangabeira Mascarenhas, Andrea Ferreira de Andrade Poshar França e Marcos Nicolau, no artigo *A morte transmidiática de Osama Bin Laden: remediação em jornalismo na cibercultura* (2012); já o segundo é o caso de um incêndio ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, em 2010, e que tem sua cobertura analisada por Luciana Mielniczuk, no texto: *O celular afronta o jornalismo* (2013). Assim, nas linhas que seguem, relataremos caso a caso para, posteriormente, demonstrarmos como cada um deles enquadra-se na ideia de transmidiação desenvolvida por Henry Jenkins (2008; 2011).

2.1 Cobertura da morte de Osama Bin Laden

Na madrugada do dia 2 de maio de 2011, Sohaib Athar, paquistanês, observou uma movimentação fora do comum ao redor de sua casa e publicou em seu *Twitter*, *@ReallyVirtual*: “Helicóptero sobrevoando Abbottabad à 1 AM (é um acontecimento raro)” (MASCARENHAS; FRANÇA; NICOLAU, 2012). Pouco tempo depois, como destacam França, Mascarenhas e Nicolau (2012) voltou a publicar: “uma tremenda explosão sacudindo a janela. Espero que não seja o começo de algo desagradável”.



Figura 1: Reprodução do *Twitter* de Sohaib Athar

Fonte: Globo.com

O que Athar não sabia é que aqueles acontecimentos que fugiam do seu cotidiano faziam parte de uma operação militar comandada pelos Estados Unidos para capturar Osama Bin Laden. Em pouco tempo o movimento nas redes sociais aumentou, por conta de publicações oferecidas tanto por informantes anônimos quanto do próprio governo americano. Como exemplo disso, o *Twitter* de Sohaib Athar, horas após o seu relato, recebeu mais de 29.000 seguidores (MASCARENHAS; FRANÇA; NICOLAU, 2012). No começo, os *tweets* de Athar tinham um tom humorado (“Uh oh, lá se vai a vizinhança”), pois ele ainda não tinha dimensão do ocorrido. Apenas percebeu quando foi inundado por mensagens de pessoas que tentavam estabelecer contato, como mostra a Figura 1.

Em seguida, uma nova publicação do chefe de gabinete do ex-Secretário de Defesa dos EUA, Keith Urban, na mesma rede, dizia: “fui informado por uma pessoa de confiança que mataram Osama Bin Laden”. A partir de então, o relato que havia começado por Athar, por meio do *Twitter*, ganhou espaço na TV, rádio, sites e jornais.

Dessa forma, é possível perceber características de uma narrativa transmídia. Primeiro, “os dados se dispuseram de forma transmidiática por natureza, transbordando de uma plataforma para outra” (MASCARENHAS; FRANÇA; NICOLAU, 2012, p.13); segundo, há a construção de uma narrativa participativa, colaborativa, que começa com Athar, passa pelo chefe de gabinete do ex-Secretário de Defesa dos EUA, e chega aos veículos tradicionais; terceiro, levando em consideração a ideia de que o “meio é a mensagem” (MCLUHAN, 1994), cada mídia, ao explorar o tema, utilizou de recursos narrativos próprios (por exemplo, a TV, o recurso da imagem; o site, a navegação hipermidiática; o impresso, uma informação textual mais completa). Por fim, cada transposição ofereceu uma adição de recursos e até mesmo de conteúdo.

2.2 Cobertura de incêndio na cidade do Rio de Janeiro

No dia 19 de junho de 2010, um pouco antes das 22h de um sábado, teve início um incêndio no Morro da Catacumba, perto da Lagoa Rodrigo de Freitas, na cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Luciana Mielniczuk (2013), em menos de trinta minutos informações sobre o acontecimento circularam por perfis do *Twitter* com as *hashtags* #fogo e #fogonorio (Figura 2). Ainda segundo Mielniczuk (2013), a imprensa só começou a repercutir o ocorrido após quase duas horas, e, ainda assim, nas seções de plantões dos sites de notícias, por meio de algumas notas utilizando como fonte as informações que circulavam no *Twitter*. Já no domingo, foram publicadas matérias mais completas (Figura 2).



Figura 2: Repercussão do incêndio no Twitter e matéria (do dia 20) do G1
Fonte: Luciana Mielniczuk (2013, p.119-121)

Dessa forma, assim como no caso do assassinato de Osama Bin Laden, também percebemos características de uma narrativa transmídia. Primeiro, as informações transitaram

por diferentes plataformas, no caso, *Twitter* e sites; segundo, há a construção de uma narrativa participativa, colaborativa; terceiro, ao explorar as informações inicialmente veiculadas pelo *Twitter*, os sites agregaram informações e acrescentaram conteúdos (Figuras 2). Nesse caso, não é uma mera transposição (de conteúdos) entre plataformas distintas.

CONCLUSÃO

Apesar de Henry Jenkins (2008; 2011) ter desenvolvido o conceito de narrativa transmídia para o campo da ficção, é possível encontrar características transmidiáticas também no jornalismo, como pudemos verificar nos dois exemplos discutidos no texto. No entanto, é importante alertar que existe uma diferença crucial entre os dois tipos de transmídiação – enquanto no universo ficcional ela ocorre de maneira intencional e comercial, para alavancar as vendas de determinada franquia, no jornalismo a transmídiação se dá de maneira involuntária, pois é fruto de um ato não planejado. Vale lembrar ainda, que, no universo da cibercultura, a narrativa transmídia é apenas uma das possibilidades existentes para a construção do texto jornalístico, que vem passando por uma fase de descobertas e reinvenções. Nesse sentido, podemos citar o texto hipermídia, a convergência midiática e o jornalismo participativo, como características da atividade jornalística contemporânea.

No que tange à narrativa jornalística transmidiática, observamos que ela permite que o leitor tenha a possibilidade de participar da narração de um fato, tornando esse relato um produto participativo, involuntário e não linear. Nesse modelo colaborativo, é possível ainda a interação com as fontes da própria notícia, como pudemos notar na imagem do *Twitter* de Athar (Figura 1). Sendo assim, no jornalismo, as rotinas produtivas têm passado por um processo de reinvenção, por conta das novas possibilidades advindas após a internet, e muito disso perpassa pela descentralização do polo emissor, como destaca André Lemos (2007), e como também pudemos notar nas experiências analisadas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Suzana; SEIXAS, Lia. Jornalismo e dispositivos móveis: percepções, usos e tendências. In: BARBOSA; Suzana; MIELNICZUK, Luciana (orgs). *Jornalismo e tecnologias móveis*. Covilhã: Livros Labcom, 2013.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. *Remediation: understanding new media*. Cambridge: MIT Press, 2000.

FERNANDES E AVELAR, Hallita Amorim César. *As “Novas” Mídias e as Rotinas Produtivas dos Cadernos de Economia do Jornal da Paraíba e Correio da Paraíba*. 2015. 155f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2015.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

_____. *Transmedia 202: further reflections*. 2011. Disponível em: <http://henryjenkins.org/2011/08/defining_transmedia_further_re.html>. Acesso em: 10 mar. 2017.

LEMONS, André. Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. *Matrizes*, ano 1, n. 1, São Paulo: USP, 2007, p. 121-137. Disponível em: <http://www.intermidias.com/txt/ed9/cidade%20e%20mobilidade_andrelemons.pdf>. Acesso

em: 10 mar. 2017.

MASCARENHAS, Alan Mangabeira; FRANÇA, Andrea Ferreira de Andrade Poshar; NICOLAU, Marcos Antonio. A morte transmidiática de Osama bin Laden: remediação em jornalismo na cibercultura. *Estudos em jornalismo e mídia*, v. 9, n. 1, p. 121-135, 2012.

MCLUHAN, Marshall. *Understanding media: the extensions of man*. Cambridge: Mass, 1994.

MIELNICZUK, Luciana. O celular afronta o jornalismo. In: BARBOSA; Suzana; MIELNICZUK, Luciana (orgs). *Jornalismo e tecnologias móveis*. Covilhã: Livros Labcom, 2013.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. *Revista USP*, n. 56, p. 66-85, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/33808/36546>>. Acesso em 10 mar. 2017.

RESENDE, Vitor Lopes. A narrativa transmidiática: conceitos e pequenas dissonâncias. In: *Anais do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Cibercultura (ABCiber)*, 20 a 22 de novembro de 2013. Curitiba: UTP, 2013. Disponível em: <http://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_5_Entretenimento_Digital/25959arq05638141600.pdf>. Acesso em 10 mar. 2017.